

O Materialismo Histórico-Dialético

Lucas Maia

Objetivamos neste estudo investigar qual a concepção que Marx possui sobre Método dialético e materialismo histórico. Vários de seus epígonos se dedicaram ao desenvolvimento do materialismo histórico-dialético, uns aprofundando, outros deformando os estudos iniciados por Marx.

O pensador alemão não dedicou nenhum texto específico, nenhum estudo mais aprofundado sobre sua teoria materialista da história. Assim, para se compreender o materialismo histórico de maneira mais adequada e mais próxima às teses de Marx, devemos compreender como ele desenvolveu-as ao longo de toda sua obra. Tanto as chamadas obras de juventude quanto as de maturidade, de uma ou outra maneira, tocam nesta questão. Seja considerando-a teoricamente, seja aplicando-a a casos histórico-concretos.

As principais obras de Marx, nas quais, em algum momento ele desenvolve suas teses sobre o materialismo histórico são: *A Ideologia Alemã*, *Manifesto do Partido Comunista*, *Formações Econômicas Pré-capitalistas*, prefácio de *Contribuição à Crítica da Economia Política*, *O Capital* etc.

Marx nunca utilizou a expressão materialismo histórico, mas como sua concepção da história é materialista, não há nenhum problema em utilizar tal expressão. Bem, mas onde se encontra a gênese e a essência do materialismo histórico? Viana nos dá a seguinte explicação:

Marx recupera e une as teses de Hegel e Feuerbach. A dialética de Hegel está carregada de historicidade, embora seja uma historicidade “idealista” e teleológica, e a dialética de Feuerbach está carregada de “materialismo”, embora seja um “materialismo” sem historicidade. A união da historicidade da dialética hegeliana com o “materialismo” da dialética feuerbachiana proporciona o materialismo histórico de Marx. Entretanto, isto apenas é o ponto de partida do materialismo histórico que irá se enriquecer com a contribuição do chamado “socialismo utópico”, da “economia política inglesa”, das pesquisas históricas de Marx e, principalmente, do desenvolvimento

histórico da Europa Ocidental. Marx, como Feuerbach, transfere a dialética da consciência para o ser, mas compreende este como sendo carregado de historicidade e que, portanto, é a natureza humana em sua manifestação concreta, ou seja, o ser social e este só pode ser compreendido em sua historicidade, que é retirada da consciência (que possui uma historicidade dependente) e transmitida ao ser social. (Viana, 1997, p: 75)

A ideia de *ser social* é fundamental para o entendimento do materialismo histórico. A natureza humana a-histórica de Feuerbach, embora seja uma concepção materialista, não considera o ser enquanto ser histórico, ou seja, condicionado historicamente. É a partir do *ser social* que Marx vai considerar o desenvolvimento das civilizações humanas. Se analisarmos, tanto textos de sua juventude, quanto textos de maturidade, vemos uma unidade entre ambos. Em *A Ideologia Alemã*, por exemplo, tem-se os elementos fundamentais do materialismo histórico, embora ainda embrionários. Vários conceitos fundamentais do materialismo histórico estão ali lançados, mas não desenvolvidos satisfatoriamente. Nesta obra, por exemplo, Marx ainda não tinha desenvolvido, de maneira mais sistemática, o conceito de modo de produção. Mas o que ele chama de “formas de propriedade” são na realidade o que posteriormente ele denominará de “modo de produção”. Assim, neste texto, tem-se as formas de propriedade *tribal, escravista, feudal e moderna* (a propriedade sob forma capitalista). No prefácio de *Contribuição à Crítica da Economia Política*, por exemplo, ele denomina estas “formas de propriedade” de “modo de produção” *primitivo, escravista, feudal e capitalista*. Neste texto ele acrescenta o modo de produção *asiático*, forma de sociedade que ele ainda não conhecia no período da redação de *A Ideologia Alemã*.

O conceito de modo de produção adquire fundamental importância para o entendimento do que é o materialismo histórico. O modo de produção é constituído pelo conjunto das relações de produção e das forças produtivas (meios de produção e força de trabalho). Cada modo de produção possui formas específicas de regularização (estado, ideologia, política, religião etc.). Ao conjunto das formas de regularização e do modo de produção, Marx denominou de sociedade.

Se o desenvolvimento da sociedade pressupõe sua transformação então é imprescindível saber o que gera tal transformação. A esta questão, Marx deu a seguinte resposta “A história de toda sociedade existente até hoje tem sido a história das *lutas de classes*” (MARX, 1967, p. 93) (grifo nosso).

Os conceitos fundamentais do materialismo histórico são: modo de produção (relações de produção e forças produtivas), formas de regularização (filosofia, política, estado, etc.), luta de classes (motor, alavanca, força motriz da história)¹.

É necessário pararmos aqui e discutirmos como se dá a relação entre modo de produção e formas de regularização. Algumas frases de Marx, se consideradas separadamente do todo, como muitos ditos “marxistas” fizeram, podem dar a impressão de que as formas de regularização são passivas diante do modo de produção. “A estrutura *determina* a superestrutura”, disse Marx em *A Ideologia Alemã*. No *Prefácio* ele diz: “A estrutura *condiciona* a superestrutura”. Assim, não podemos afirmar que há um determinismo em Marx, como muitos fizeram, pois hora fala em determina, hora fala em condiciona.

Mas se analisarmos com cuidado o que ele diz, verificamos que esta, poderíamos dizer, displicência terminológica, evidencia que isto não era uma preocupação para ele. Se analisarmos outros textos, como, por exemplo, *A Miséria da Filosofia*, vemos que ele ao falar que quando a teoria se encontra nas massas também se torna ela força material ou quando, no *Prefácio*, fala que a superestrutura tem uma autonomia relativa em relação ao modo de produção, etc. é fácil notar que não há nenhum determinismo econômico em Marx e portanto no materialismo histórico. Neste sentido, o que podemos dizer, segundo Marx, o que determina ou condiciona, em *última análise* é a forma ou formas de produção material, ou seja, o modo de produção, mas ele, por sua vez, sofre influência das formas de regularização e estas são condicionadas pelo modo de produção e reprodução da vida.

Paralelamente e para a elaboração de sua teoria da história, Marx também desenvolveu um recurso metodológico, o método dialético. Os textos nos quais ele

¹ Da história como tem sido até hoje. Evidentemente que o desenvolvimento das sociedades sem classes não tinha como força motriz a luta de classes. Também a história posteriormente à eliminação das classes sociais será diferente.

desenvolveu sua concepção sobre este tema são: *Método da Economia Política* (II capítulo de *Contribuição à Crítica da Economia Política*), *A Miséria da Filosofia*, *Carta a Annenkov*, *prefácio à primeira edição de O Capital* bem como o *prefácio à segunda edição*.

Segundo Marx, no texto em que melhor desenvolveu o método dialético (*O Método da Economia Política*): “*Parece que o melhor método será começar pelo real e pelo concreto, que são a condição prévia e efetiva*” (MARX, 1983, p. 218). Assim, a pesquisa deve se iniciar pelo existente, pelo concreto-dado. Mas o que é o concreto-dado? “*o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade na diversidade*” (MARX, 1983).

A pesquisa deve se iniciar pelo concreto-dado. O concreto é a síntese de múltiplas determinações. Como proceder então para teorizar sobre este concreto-dado, que independe de nossa existência e tem como característica ser totalizador, ou seja, o concreto é a totalidade.

Sobre isto, no *Prefácio à primeira edição de O Capital*, Marx compara o processo de pesquisa realizado pelas ciências naturais com o das ciências sociais. Afirma que nas ciências naturais é mais fácil estudar o organismo como um todo do que suas partes e que no estudo das sociedades não se pode utilizar nem reagentes químicos nem microscópio, esses meios devem ser substituídos pela “*faculdade de abstrair*”.

É justamente pela faculdade de abstrair e pelo estudo das categorias mais simples que se pode apreender e explicar o concreto-dado, ou seja, é a partir da abstração de categorias mais simples que deve se iniciar o processo de pesquisa, após iniciado estes processo deve-se chegar, por abstrações sucessivas, a abstrações cada vez mais complexas. Mas não devemos nos enganar, como muitos fizeram, e acharmos que as categorias são imutáveis e a-históricas. Não devemos pensar também que estas categorias são formulações ideais para depois serem aplicadas em casos concretos.

Sobre isto, em sua crítica a Proudhon, Marx assim se manifesta:

As categorias econômicas não são senão as expressões teóricas, as abstrações das relações sociais de produção. (...) Os homens que estabelecem as relações sociais de acordo com a sua produtividade material, produzem também os princípios, as ideias, as categorias, de acordo com suas relações sociais. Assim, estas ideias, estas categorias são tão pouco eternas quanto as

relações que exprimem. São *produtos históricos e transitórios* (MARX, s/d, p. 94).

Após iniciada a pesquisa, pelo concreto-dado, devemos reconhecer que o concreto é o ponto de chegada, pois ele é síntese, resultado. Desta maneira, ele é o ponto de chegada, embora seja o verdadeiro ponto de partida.

Isto quer dizer que o objetivo da pesquisa é explicar o concreto, ou seja, a realidade. Para isto devemos transpor, pela faculdade de abstração, o concreto-dado para nossa mente, produzindo assim o concreto-pensado, que é na realidade o concreto-dado transposto para mente humana. Após feita esta transposição, deve-se voltar novamente o concreto-pensado para o concreto-dado, pois os dois devem estar em íntima relação, pois se fosse de outra forma, a pesquisa não teria sentido, na medida em que não conseguiria explicar a realidade, fim último de qualquer pesquisa realmente compromissada e livre.

A respeito desta relação entre concreto-dado e concreto-pensado, Viana assim se refere:

(...) o concreto-determinado é o concreto-pensado, mas na realidade ele já é determinado antes de ser pensado. No concreto-determinado já existe e se manifesta as determinações que buscamos descobrir e que são suas partes constituintes. A reconstrução mental deste concreto significa descobrir suas determinações e torná-lo concreto-pensado, o que significa reconhecê-lo concreto-determinado. O ponto de chegada da pesquisa é reconhecer a realidade social como ela é: um concreto determinado (VIANA, 2001, p. 59).

Neste sentido, de tudo o que foi exposto, podemos concluir que o materialismo histórico é o método dialético e que o método dialético é o materialismo histórico, ou seja, ambos são uma única e mesma coisa. Mas é necessário distinguir que o materialismo histórico é produto e condição do método dialético e que o método dialético é produto e condição do materialismo histórico.

O materialismo histórico-dialético, pois podemos chamá-lo assim,

(...) e ao mesmo tempo um recurso heurístico e uma teoria. O 'prefácio' que Marx escreveu à contribuição à crítica da economia política é um recurso heurístico e quando ele se manifesta numa análise concreta, por exemplo numa análise da sociedade feudal, torna-se uma teoria. (VIANA, 1997, p. 76).

O materialismo histórico-dialético, enquanto recurso heurístico, deve ser considerado como "fio condutor", termo que o próprio Marx utiliza no *Prefácio* de

Contribuição à Crítica da Economia Política e não como um modelo no qual a realidade deve ser enquadrada. Ainda, segundo Viana (1997) o método dialético (o materialismo histórico-dialético considerado como recurso heurístico) está em íntima relação e correspondência com o mundo real, concreto. É justamente aí que reside o caráter revolucionário do materialismo histórico-dialético, pois não devemos considerá-lo simplesmente como um procedimento metodológico, isento de valores e intencionalidades, destituído de perspectivas.

Podemos ver isto, por exemplo, no *Prefácio* de *O Capital*. Neste texto, Marx assim se refere: “Não foi róseo o colorido que dei às figuras do capitalista e do proprietário de terras. (...)” (MARX, 1985, p: 6). Isto evidencia que Marx parte de uma perspectiva, no caso, a perspectiva da qual ele parte é a do proletariado². Assim, Marx, na sua crítica a Proudhon, fala que enquanto os cientistas (Marx se refere somente aos economistas, mas podemos estender esta crítica às demais ciências: sociologia, história, biologia, geografia etc.) representam a burguesia, os socialistas e comunistas são os representantes da classe operária. Neste sentido, enquanto os cientistas:

Procuram a ciência e apenas fazem sistemas, enquanto estão no começo da luta, não veem na miséria senão a miséria, sem ver nela o lado revolucionário, subversivo, que derrubará a velha sociedade. Desde este momento, a ciência produzida pelo movimento histórico, e nele se associando com pleno conhecimento de causa, cessa de ser doutrinária e se torna revolucionária (MARX, s/d, p: 108).

Assim fica evidenciado o caráter revolucionário do materialismo histórico-dialético, pois ele só tem sentido se estiver em inteira correspondência com o mundo real e só tem sentido se for compreendido como representante da classe revolucionária de nossa época, ou seja, se expressar um movimento revolucionário. Desta maneira, para se partir de uma perspectiva dialética, torna-se importante lembrar a citadíssima décima primeira tese sobre Feuerbach: “os filósofos até hoje se preocuparam em interpretar o mundo, o que importa é transformá-lo”.

² Isto foi observado por Viana, 2001.

Referências

- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, s/d.
- MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. 3º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. In: LASKI, H. J. *Manifesto Comunista de Marx e Engels*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro 1, Vol. 1. São Paulo: Difel, 1985.
- VIANA, Nildo. *A Consciência da História: Ensaio Sobre o Materialismo Histórico-Dialético*. Goiânia: Edições Combate, 1997.
- VIANA, Nildo. *Escritos Metodológicos de Marx*. 2ª edição, Goiânia: Edições Germinal, 2001.